

A rigorosa falsidade do que afirma o ministro

É tão gritante o contraste entre as informações que nos chegam de nossas próprias fontes sobre os resultados das conversações do ministro Dilson Funaro com seus colegas dos Estados Unidos, da Inglaterra, da França, da Alemanha e da Suíça, que há alguns dias vimos lendo com a maior atenção os principais jornais brasileiros, principalmente aqueles que não foram acusados pelo presidente Sarney — como aconteceu com os nossos — de fazer parte da conspiração contra seu governo, a fim de cotejar o seu noticiário com o nosso. Hoje estamos em paz com nossa própria consciência.

Não enganamos nossos leitores. Nada do que noticiamos até agora sobre o périplo do ministro da Fazenda pelos países citados foi inventado por algum inimigo enrustido do Brasil ou do governo Sarney. Pelo contrário. Por uma curiosa coincidência, são justamente os jornais reconhecidamente amigos desse governo que têm fornecido aos seus leitores um volume maior de informações que desmentem de forma mais contundente do que as nossas as sucessivas declarações através das quais o sr. Funaro pretende apresentar a sua viagem ao público brasileiro como um autêntico triunfo.

Ainda ontem, por exemplo, até mesmo a imprensa de Paris, onde,

segundo o ministro, foi mais completo o seu êxito, falava em "fracasso", "gosto amargo", "acolhida polida e vaga" para definir o resultado das suas conversas com seu particular amigo Balladour, ministro da Economia da França.

A verdade é que, até chegar à Itália — não tínhamos notícia de seu encontro com o ministro italiano ao redigirmos este comentário —, o ministro Funaro foi obrigado a ouvir de todos os seus interlocutores — sem exceção — a mesma resposta às suas explicações sobre a decisão brasileira de suspender os pagamentos da dívida: esse é um problema entre o governo brasileiro e os bancos credores sobre os quais nossos governos não têm como exercer pressões.

O governo brasileiro deve negociar com esses bancos e, preliminarmente, para garantir seu êxito, deve apresentar-lhes um plano confiável para pôr ordem na sua própria casa.

Quer dizer, tudo aquilo que o sr. Funaro tem declarado à imprensa brasileira sobre a acolhida de suas teses é rigorosamente falso.

Estamos, portanto, diante do mesmo tipo de comportamento que caracterizou o governo brasileiro durante a execução do maladado Plano Cruzado: quanto mais se evidencia o fracasso, tanto mais se alardeia o êxito.

Assim como, no plano interno, chegamos no dia 28 de fevereiro de 1987 à mesma situação dramática em que estávamos em 28 de fevereiro de 1986, quando o ministro Funaro desembarcou no Brasil, de regresso de sua excursão "triunfal", estávamos, diante de nossos credores e do sistema financeiro internacional, exatamente na situação em que estávamos no dia em que o presidente Sarney anunciou solenemente a suspensão dos pagamentos. Ou melhor, em situação muito mais crítica, na medida em que os bancos credores dispõem agora de uma espécie de aval dos seus governos para enfrentar o desafio do governo brasileiro com todos os trunfos de que dispõem.

E, infelizmente para nós, esses trunfos não são fracos.

Ainda ontem o jornal especializado Gazeta Mercantil, que não faz parte da "conspiração", publicava declarações do sr. Adroaldo Moura da Silva, vice-presidente da Área Internacional do Banco do Brasil que mostram os seriíssimos riscos que estamos correndo e que parece que o presidente Sarney desconhece. "A situação", dizia ele, "ficará bem mais complicada a partir do dia 31

de março, quando acaba o acordo temporário de renovação de linhas de curto prazo interbancárias e comerciais que está em vigor desde setembro passado." Ele acredita que, a partir daquela data, a maioria dos bancos estrangeiros deverá tentar sair do esquema, recusando-se a realizar um novo acordo provisório. Se isso acontecer, dizemos nós, estaremos, no momento seguinte, sem recursos para importar até o essencial para que a economia brasileira continue funcionando.

E quase inacreditável que tenhamos chegado a essa situação simplesmente porque um presidente da República que não tem um mínimo de conhecimento sobre problemas de economia fez questão de apoiar a aventura externa de um ministro que, no plano interno, tinha de um fracasso que, em qualquer país civilizado do mundo, redundaria na sua demissão imediata. É absolutamente inacreditável que depois do fracasso externo, que ele nega agora com a mesma tranquilidade com que continua negando o interno, esse ministro declare a um jornal que não faz parte da "conspiração", que o objetivo desta nova aventura não é tanto obter melhores condições para o pagamento da dívida, mas "mostrar que o governo Sarney tem um plano de quatro anos (grifo nosso) para lidar com a dívida e que toda a estrutura financeira internacional está precisando de uma revisão para tratar de casos como o do Brasil".

Quer dizer, no dia em que frassou totalmente aquilo que o Financial Times, em editorial, definiu como tática para provocar inquietação nos credores privados (manter uma série de conversações bilaterais com governos sem dar a menor bola aos credores particulares), no dia em que a imprensa de todos os países envolvidos na questão registrava o progressivo isolamento do Brasil, demonstrado pelo apressamento pelos credores da solução das negociações com outros devedores — como Venezuela, Chile, México e Argentina —, no dia em que as ações dos bancos norte-americanos, credores do Brasil, que haviam caído sensivelmente logo após o anúncio de nossa moratória técnica, voltaram a subir porque se tornou evidente que eles têm todas as condições para resistir à "ofensiva brasileira", nesse dia o ministro Funaro canta um triunfo tão "decisivo" que remove qualquer dúvida como essa que atormenta o próprio presidente Sarney sobre a duração do seu mandato!

Pouco antes de se iniciar essa desastrosa viagem que termina de forma tão humilhante para todos os brasileiros responsáveis, o grande amigo do ministro viajante, o francês Balladour, sempre simpático aos países devedores, dizia que eles deviam ser ajudados, entre outras razões, porque a questão da dívida "envolve as condições de vida de dezenas de milhões de pessoas...". No caso do Brasil envolve as condições de vida de exatamente 130 milhões de pessoas, a maioria das quais pertence àquele grupo de pobres pelos quais o governo Sarney fez sua famosa opção. Pois bem.

Ao partir para esta aventura, com o aval desse mesmo presidente, nem por um minuto sequer o ministro hesitou por pensar no que poderia acontecer com as condições de vida dessas 130 milhões de pessoas se, por exemplo, se confirmarem os temores do sr. Adroaldo Moura da Silva. Daqui a 25 dias!

Mas de uma coisa podemos ter certeza: se acontecer o que o diretor do Banco do Brasil considera uma possibilidade iminente, esta será a última aventura do ministro e o presidente Sarney não terá quatro anos para promover a revisão das estruturas do sistema financeiro internacional.

Editorial do Jornal da Tarde, publicado na edição de ontem